

Oferta e Demanda e a Determinação do Valor de Mercado

Tentativa de interpretação do cap. X do livro III

(versão preliminar)*

Reinaldo A. Carcanholo

Resumo

Neste trabalho apresentamos uma interpretação sobre o cap. X do livro III d'O Capital de Marx, procurando superar as dificuldades que o texto apresenta e suas aparentes inconsistências. O ponto de partida é a idéia de que o *valor social*, em um nível mais concreto de análise, refere-se não à magnitude do valor produzido, como normalmente se considera, mas ao *valor apropriado*, dentro de certos limites e abstraindo-se as circunstanciais flutuações da oferta e da demanda. Dessa maneira o valor social apresenta-se como a dimensão aparential do valor, a partir do qual, como referência, os agentes podem avaliar os preços de mercado como altos ou baixos.

1. Introdução

Há muitos anos iniciamos um trabalho para elaborar e apresentar da maneira mais didática possível uma interpretação sobre a teoria do valor de Marx, que fosse capaz de dar conta do conjunto do pensamento desse autor e que fosse coerente com os termos explícitos de sua obra.

Por que é necessária uma interpretação? Por que não se pode simplesmente deixar que Marx fale por meio de suas próprias palavras?

As palavras de Marx têm sido tergiversadas, mal interpretadas, deformadas. Isso é o resultado da contaminação de enfoques exóticos, particularmente do pensamento neo-ricardiano, que algumas vezes quis ou quer passar por marxista. A perspectiva subjetiva e marginalista também contribuiu para lançar confusão, quando procurou, e

* Exclusiva para discussão no âmbito da Sociedade Brasileira de Economia Política. Pede-se não citar.

sempre o fez de maneira autoritária, apresentar sua crítica à teoria marxista do valor¹. Nesse caso, pensamos especialmente na crítica elaborada por Böhm-Bawerk (1974) que, apesar de ser a mais considerada até nossos dias, padece de enormes debilidades e insuficiências, embora se apresente como uma linguagem tão incisiva, que a faz parecer digna de respeito. Mais recentemente, a moda pós-moderna fez surgir autores que sustentam ridículas teses de que, se em algum momento pôde-se falar em valor-trabalho, hoje não se pode mais, como se fosse possível pensar no capital como um ser que, sendo puramente imaterial, um verdadeiro fantasma, fosse capaz de viver do ar, do nada. Essas perspectivas teóricas, como estratégias para se auto-afirmarem, não tiveram outra alternativa senão deformar a teoria marxista, quando realmente foram capazes de entendê-la.

É justamente por isso que faz falta uma interpretação atual da teoria marxista do valor. Precisa responder às objeções que lhe têm sido feitas, embora não seja indispensável que a resposta seja direta; não é necessário que seja dirigida especialmente a cada um de seus críticos ou a cada uma das linha dessa crítica. Exige-se, sim, que ela respeite o espírito geral da obra do autor e que atenda adequadamente, sem violentá-los, os termos em que ele a apresentou, além de preencher aqueles inevitáveis vazios ou aquelas aparentes dificuldades que a teoria apresenta.

Nosso esforço de interpretação tem essa pretensão, embora seu resultado, até agora, não se encontre totalmente isento de dificuldades. Conforme avançamos em nossa pesquisa, fomos tentando superá-las, o que aconteceu, por exemplo, com o problema da transformação do valor em preços de produção², com o da relação entre o valor e o trabalho³ e com o do mecanismo de existência da mais-valia extra⁴. A sobrevivência de dificuldades não desmerece a tentativa de interpretação, a menos que ultrapasse o nível de simples dificuldade e torne-se algo total e absolutamente

¹ Por crítica autoritária entendemos aquela que procura incoerências e contradições em termos na teoria criticada, depois de atribuir-lhe perguntas ou aspectos que não lhe são próprias, mas originadas da perspectiva do próprio crítico.

² Em particular com a dificuldade que se impõe com a impossibilidade das duas identidades fundamentais, resolvida com o que chamamos de paradoxo das desigualdades dos iguais.

³ Confronte anexo 2 (“Valor e trabalho humano”) de Carcanholo (1993).

⁴ Cf. Carcanholo (2000b).

impossível de ser superado. Em outras palavras, que uma dificuldade não esteja superada não quer dizer que seja impossível superá-la. Identificada a dificuldade, haveria que demonstrar, sem sombra de dúvidas, essa impossibilidade e isso não é fácil e talvez seja até mesmo impossível.

A permanência de dificuldades, o que faz é deixar uma determinada interpretação sujeita a dúvidas, mas não a destrói, sobretudo quando as demais interpretações apresentam tantos ou maiores problema que ela. No nosso caso particular, sobrevive, até hoje, com força, a dificuldade de enquadrar o conteúdo do capítulo X do livro III d'O Capital de Marx, em particular no que se refere ao papel da oferta e da demanda na determinação do valor, dentro de uma perspectiva que seja coerente com a interpretação geral que vimos defendendo. Até hoje havíamos nos recusado a aceitar o enfrentamento com tal dificuldade.

Restava-nos, pelo menos, o consolo de que, até quanto sabemos, ninguém foi capaz de superar o problema, qualquer interpretação da teoria marxista do valor em que esteja inserido. Parece até que existiria, em muitos intérpretes, a idéia de que o conteúdo daquele capítulo conteria muitas inconsistências e que, assim, seria incompreensível; no entanto, não se pode acreditar que muitos defensores de Marx se atrevessem a expressar isso de maneira clara. E isso é assim, mesmo que tais imaginadas ou verdadeiras inconsistências pudessem ser atribuídas ao caráter inconcluso daquele capítulo e dos que os cercam. De maneira informal, pode-se também ouvir afirmações de que o problema não existe e que são perfeitamente compreensíveis e sem maiores dificuldades, dentro da teoria de Marx, as palavras ali escritas, mas a verdade é que, até agora, não é possível aceitar essas afirmações.

Chegou o momento de encarar de frente o problema. Pretendemos apresentar aqui, apesar das dificuldades, uma interpretação do conteúdo do capítulo mencionado da obra maior de Marx, que atenda satisfatoriamente o espírito geral de sua teoria do valor, que seja coerente com a interpretação que vimos apresentando ao longo desses anos em diversos artigos e que preserve o máximo possível as palavras, mas principalmente as idéias que transparecem quando Marx discute o papel da oferta e procura.

Sabemos, a priori, que esta tentativa de interpretação encontrará, entre os poucos que chegarem a ler este trabalho, mais opositores que defensores. Problemas mais simples que já enfrentamos, na teoria de Marx, e soluções muito mais evidentes que

apresentamos tiveram esse destino. A questão em pauta, muito mais complexa — especialmente quando se requer atender o máximo possível às palavras de Marx que, em princípio para nós, aparecem contraditórias —, fará com que nossa tentativa de interpretação, qualquer que ela seja, enfrente muito mais dificuldades.

Além disso, parece ter se generalizado, entre nós, a idéia de que é muito mais elegante ser contra que a favor: doutos senhores devem discordar e não concordar. Assim seja! Pelo menos, nossa tentativa servirá para desafiar aqueles que pretendem inexistir problemas no capítulo X do livro III d'O Capital a colocar suas idéias no papel⁵.

Vamos, pois, à nossa tentativa.

2. Esclarecimento sobre os conceitos necessários.

Nas próximas linhas apresentaremos os esclarecimentos necessários sobre alguns conceitos que são indispensáveis nesta tentativa de interpretar o capítulo X do livro III d'O Capital de Marx, mas isso não significa que os estaremos definindo. Em outras oportunidades explicamos por que, na teoria de Marx, não há espaço para definições. O que faremos aqui é descrever tais conceitos, e essa descrição rápida, necessária para que haja um mínimo entendimento entre nós nesta tentativa de interpretação, poderá aparecer como se fosse definição.

Como se sabe, na teoria de Marx, qualquer mercadoria é/tem valor e ele é a expressão, nela, das relações sociais de produção mercantil, sob as que a mesma foi produzida. Embora, na análise posterior, o valor converta-se em ser com vida própria (o que temos chamado substantivação do valor), para o que nos interessa aqui ele deve ser visto como uma simples propriedade ou característica social da mercadoria. Essa característica adjetiva do produto do trabalho, no interior das relações mercantis, possui (o que pode ser facilmente demonstrado) dimensão quantitativa e, por isso, pode ser mensurada. A unidade de medida, dentro da teoria de marxista, é, obviamente, o tempo de trabalho, embora se expresse, exteriormente, na superfície dos fenômenos, como quantidade de dinheiro, como preço.

⁵ É verdade que também, como é costume entre nós, provavelmente sofreremos comentários adversos daqueles que, não tendo tido anteriormente tempo para uma leitura do texto, se dispõem a criticá-lo depois de enfrentados oralmente a um resumo de dez minutos.

Apesar de que, para Marx, a riqueza capitalista seja representada pela mercadoria (unidade de valor-de-uso e de valor, isto é, unidade de conteúdo e forma) como esta última (a forma) progressiva e permanentemente predomina sobre o conteúdo e tende a dominá-lo de maneira cada vez mais significativa, a magnitude do valor deve ser tomada como a magnitude da riqueza capitalista. Dessa forma, a magnitude do valor de uma mercadoria, medida obviamente em trabalho abstrato, deve ser considerada a magnitude da riqueza capitalista produzida quando da produção da mercadoria.

Assim, tomada qualquer mercadoria, ao lado de suas diversas dimensões, como por exemplo seu peso, volume, densidade, resistência, existe uma, em especial, de caráter social e não físico, que conhecemos como valor e cuja magnitude mensura a riqueza social que sua existência representa. É a magnitude da riqueza produzida, quando de sua produção.

Até aqui, não há muitas dificuldades, pois tudo isso é mais ou menos aceito como diretamente derivado da teoria de Marx, salvo nas interpretações mais ingênuas ou mecânicas, ou ainda nas interpretações manchadas de ecletismo, com origem ricardiano ou neoclássico.

Na sociedade capitalista, quando a produção mercantil já se encontra suficientemente estendida, no nosso entendimento, o valor, em sua magnitude, define-se no instante de sua produção. É verdade que existem respeitáveis intérpretes com opinião diversa, que fazem o valor produzido depender inclusive do tamanho da demanda social (em relação a oferta total), de maneira que, se aquela é menor que esta, consideram que houve trabalho desperdiçado e, por isso, não haveria, nessa exata medida, valor produzido correspondente ao excesso da oferta. Por mais respeitáveis que sejam, suas interpretações devem ser descartadas, por derivarem de uma concepção estática do valor, como se este não se desenvolvesse e como se ele, dependendo do mercado em suas etapas iniciais⁶ de desenvolvimento, não chegasse a declarar sua independência,

⁶ Marx, referindo-se ao avanço ou desenvolvimento que significa a forma total ou extensiva do valor em relação à forma simples, afirma:

“Desaparece a relação eventual de dois donos individuais de mercadorias. Evidencia-se (agora e não antes, deveríamos agregar, RC) que não é a troca que regula a magnitude do valor da mercadoria, mas, ao contrário, é a magnitude do valor da mercadoria que regula as relações de troca”. (Marx, 1980, p. 72)

nesse sentido, na fase capitalista. O próprio Marx é muito claro à respeito e afirma que o valor fica determinado pela produção quando as relações mercantis encontram-se estendidas:

“Só com a troca, adquirem os produtos do trabalho, como valores, uma realidade socialmente homogênea, distinta da sua heterogeneidade de objetos úteis, perceptível aos sentidos. Esta cisão do produto do trabalho em coisa útil e em valor só atua, na prática, depois de ter a troca atingido tal expansão e importância que se produzam as coisas úteis para serem permutadas, considerando-se o valor das coisas já por ocasião de serem produzidas”. (Marx, 1980 – capítulo sobre a mercadoria, item sobre o fetichismo – p. 82)

Na verdade, quando a oferta é maior que a demanda, não é que o valor produzido seja menor que a quantidade de trabalho abstrato realmente gasto na produção; não é que o trabalho privado não tenha sido reconhecido como social. O valor foi produzido, mas pode não ser apropriado por ninguém, por ter sido destruído ou por não ser aproveitado. Pode parecer pouco significativa a diferença, mas para certos propósitos ela é fundamental. Uma coisa é importante dizer aqui, embora devesse ser de conhecimento geral: para Marx, o valor não determina, pelo menos diretamente o preço da mercadoria ou, em outras palavras, o valor não é norma de intercâmbio. Qualquer que seja o preço de uma mercadoria no mercado, mais alto ou mais baixo, em nada altera seu valor, definido na produção.

Assim, a magnitude do valor de uma mercadoria, a quantidade de trabalho abstrato necessário para sua produção⁷, mostra ou mede a grandeza da riqueza social que ela representa. Mas há aqui uma dificuldade e é a seguinte: a grandeza por ela representada do ponto de vista global, da sociedade como um todo, pode diferir (e isso é o que normalmente ocorre) daquela que efetivamente ela representa para o seu possuidor, desde que ele deseje trocá-la no mercado.

Assim, há aqui uma diferença entre o que é o valor para a sociedade (e de um ponto de vista global) e o valor para um indivíduo qualquer. Para o indivíduo, dentro de uma relação mercantil, o valor lhe aparece diferente do que de fato é; o valor para ele, ou para qualquer outro indivíduo, difere da magnitude do valor produzido. Trata-se da aparência que necessariamente surge para o indivíduo a partir do ponto de vista do ato

⁷ Ou, o que é a mesma coisa, o trabalho socialmente necessário.

individual e isolado. E este não é o único momento em que, para Marx, o ponto de vista global e o ponto de vista do ato individual e isolado produzem perspectivas diferentes⁸.

Isso significa que para o valor existe uma essência que difere da aparência (distinta do valor-de-troca)? Exatamente isso. Para o indivíduo, o valor (e não falamos aqui do valor-de-troca) aparece como se tivesse magnitude diferente do real valor produzido. Trata-se de uma pura aparência, que é percebida desde o ponto de vista do ato individual e isolado. No entanto, lembremos que, para a dialética marxista, a aparência não é fruto de um engano do observador, mas uma das duas dimensões da realidade. A aparência é real tanto quanto a essência, embora explique-se e determine-se por esta última.

Insistamos, pois é muito importante: isso significa que, para a mesma mercadoria, podemos ter duas diferentes magnitudes de valor? Exatamente. E é por isso que falamos de valor produzido (ou simplesmente valor), por um lado e, por outro do valor apropriado. Mas o valor, na aparência, é exatamente esse valor apropriado que aparece para o indivíduo como o real valor da mercadoria de sua propriedade. É justamente este valor na aparência que, para os agentes econômicos em suas ações, aparece como ponto de referência, a partir do qual podem, os preços, ser considerados altos ou baixos; as mercadorias, em comparação com esse valor apresentam-se como caras ou baratas.

Embora o valor apropriado não seja conceito diretamente observável a partir dos fenômenos (ali o que se vê é, concretamente, o preço de mercado), aproxima-se mais da aparência se comparado com o conceito de simples valor. Situa-se entre este último e a superfície dos fenômenos.

Em resumo, a magnitude de valor de uma mercadoria de posse de um determinado indivíduo representa o esforço que a sociedade foi obrigada a realizar para a produção desse particular valor-de-uso. Ela se determina pela quantidade de trabalho abstrato que foi gasto na sua produção. Caso esse indivíduo quera trocá-la e, se não tiver havido mudança na produtividade do trabalho no setor em particular, mede a riqueza produzida nesse instante. No entanto, a riqueza que ela representa, em cada momento, para seu possuidor, mede-se pela capacidade que a mercadoria possui de, no mercado, apropriar-se de valor sob a forma de outra mercadoria ou de dinheiro.

⁸ Veja-se, por exemplo, o capítulo XXI do livro I d'O Capital, a propósito da reprodução simples.

Obviamente que havendo uma mercadoria cujo valor apropriado seja maior que a magnitude do seu valor, existirão outras mercadorias que compensem essa diferença, de maneira que seus valores devem ser maiores que seus correspondentes valores apropriados, numa magnitude igual. O que aparece como ganho de um lado, deve aparecer como perda de outro. O que há, na verdade, é uma transferência de valor entre os possuidores de tais mercadorias. Em consequência, no total da economia, o valor total, resultado da produção, não pode ser diferente do valor total apropriado, salvo pelos desperdícios que inevitavelmente se produzem no mercado capitalista.

O que estamos chamando de valor apropriado de uma mercadoria é, na verdade, a capacidade de apropriação de valor, no mercado, nas condições concretas do instante do intercâmbio, por parte de seu possuidor, na forma de outra mercadoria ou de dinheiro. Essa capacidade de apropriação ou esse valor apropriado, abstraindo-se as normais flutuações do mercado, passaremos a chamá-lo “valor social” ou “valor de mercado”, na terminologia que Marx utiliza no terceiro livro d'O Capital. Esses termos ficam justificados porque, para o possuidor da mercadoria, é o valor que lhe *aparece* imposto pelo mercado ou pela sociedade. Veremos, posteriormente que o conceito de valor social ou de mercado ganhará uma nova determinação e se apresentará como algo, em certo sentido e até certo ponto, diferente. No entanto, do ponto de vista da nossas exposição, convém adiar um pouco esse aspecto.

É justamente por isso que Marx só pode tratar dele no livro terceiro d'O Capital⁹ e quando o faz no livro I (com o nome de valor social) trata-o de maneira aproximada e com relutância. Entendido assim, esse conceito difere do apresentado por Marx no livro I d'O Capital (no cap. X : “Conceito de mais-valia relativa), pois ali o autor se refere não a valor apropriado, mas a valor produzido, de maneira que o valor social identifica-se com a média aritmética ponderada dos valores individuais, independente das condições do mercado. Marx, ali, o trata provisoriamente e com relutância¹⁰. E não poderia ser de outra maneira. Naquele livro, Marx identifica, por razões metodológicas, apropriação com produção. É só no livro III que ele poderá pensar o conceito de valor social de maneira mais concreta, identificando-o com valor apropriado.

⁹ Sobre isso, ver o longo primeiro parágrafo do capítulo 1 desse livro.

¹⁰ Cf. o cap. X do livro I d'O Capital (Marx, 1980 - “Conceito de mais-valia relativa”) e nosso artigo sobre a mais-valia extra (Carcanholo, 2000b)

3. Precisão sobre o conceito de valor de mercado do capítulo X do livro III

A chave para nossa interpretação do cap X do livro III d'O Capital de Marx, está justamente nisso. E é aqui que seguramente existirão muitas objeções.

Vamos, então, entender como *valor de mercado normal* ou *valor social normal* a magnitude do valor apropriado na venda de uma mercadoria, desde que ela esteja compreendida entre o preço de produção individual maior e o menor existentes no ramo produtor dessa mercadoria.

Quando o valor de mercado ultrapassa aqueles limites, seja para mais ou para menos, ele será chamado de *valor de mercado monopólico* ou *valor social de monopólio*. Isso porque a forte transferência que, então, ocorre, seja para o interior ou para o exterior da ramo de que se trate, só pode ser o resultado da existência de um monopólio de grande poder, situado no ramo ou fora dele. É possível, também, que seja o resultado, no interior do ramo, da existência somente de pequenos produtores, no interior de uma economia com predomínio do capital. Nesse caso, o setor considerado produzirá fortes transferências do valor ali produzido para o resto da economia, configurando-se, assim, o monopólio do capital sobre o não-capital ou do grande capital sobre o pequeno capital.

É verdade que, mesmo quando o valor apropriado pelo ramo econômico encontra-se dentro dos limites de seus preços de produção individuais, mas diferente do preço de produção médio, isso só ocorre pela existência de monopólio. No entanto, nesse caso, o grau de monopólio não é tão elevado e, por isso, reservaremos a expressão “*valor de mercado monopólico*” para o caso mencionado no parágrafo anterior.

Finalmente, ainda uma questão de terminologia: para maior simplicidade *o valor de mercado normal* ou *valor social normal*, passaremos a chamá-lo simplesmente *valor social* ou *valor de mercado*. São esses, de fato, os termos efetivamente utilizados por Marx, pouco esclarecidos por ele, e que atribuímos aqui conteúdo mais preciso. Essa interpretação será o que nos vai permitir entender, de maneira integral e quase sem dificuldades, o texto do referido capítulo X. Com ela, além disso, desaparece a disputa teórica de saber se, pelo texto desse autor, o valor social ou de mercado se determina por média aritmética ponderada ou pela moda. Essa dificuldade perde totalmente o sentido.

4. Análise detalhada do conteúdo do capítulo X

Passaremos, então, a analisar o texto de Marx contido no capítulo X do livro III d'O Capital, para verificarmos até que ponto, a partir da nossa perspectiva, ele se apresenta coerente e sem imprecisões, lembrando que para nós e até aqui, o valor social é o valor apropriado na venda de uma mercadoria dentro dos limites extremos fixados pelo mais alto e pelo mais baixo preço de produção individual da rama, abstraindo-se as normais flutuações do mercado. Analisaremos todas as passagens que tenham implicações para a nossa interpretação.

a. primeira consideração:

Marx inicia o capítulo mantendo sua pressuposição metodológica anterior de que os preços de mercado correspondem aos valores. Chega a chamar o preço nesse nível de preço-valor¹¹, mas também admite a terminologia que preferimos para tais preços, por mais explícita embora menos sintética que é a de *preços correspondentes aos valores*, ao falar em *correspondência*:

“A fim de que os preços por que se trocam as mercadorias correspondam aproximadamente aos valores ...” (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 201)

Na sua primeira manifestação sobre o valor de mercado, afirma:

“Releva considerar como valor de mercado o valor médio das mercadorias produzidas num ramo, ou o valor individual das mercadorias produzidas nas condições médias do ramo e que constituem a grande massa de seus produtos”. ...” (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 202)

Parece indiscutível, em primeiro lugar, que o autor simplifica aqui sua análise, pois está se referindo a um setor econômico no qual a média e a moda dos valores individuais coincidem. Por outro lado, é justamente a suposição inicial de correspondência entre preço e valor que permite entender essa afirmação relativa à idéia de valor de mercado. Só com tal pressuposto, o valor de mercado será igual ao valor médio produzido.

Finalmente, nesta primeira consideração, convém esclarecer que Marx assinala, um pouco mais a frente, que tudo que disse sobre o valor vale também para o preço de

¹¹ Cf. Marx, 1981, capítulo X, p. 198.

produção¹², no nível correspondente de abstração e, assim, poderíamos rescrever a citação anterior, para um nível mais concreto de análise, da seguinte maneira:

Releva considerar como valor de mercado o ~~valor~~ preço de produção médio das mercadorias produzidas num ramo, ou o ~~valor~~ preço de produção individual das mercadorias produzidas nas condições médias do ramo e que constituem a grande massa de seus produtos. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 202

b. segunda consideração:

Observemos uma segunda passagem escrita por Marx, no capítulo objeto de nossa análise:

“Só em conjunturas excepcionais, as mercadorias produzidas nas piores condições ou as produzidas nas condições mais favoráveis regulam o valor de mercado, que constitui por sua vez o centro das flutuações dos preços de mercado”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 202)

Essa passagem corresponde ao mesmo parágrafo que a anterior. Ela indica, ao contrário do que havíamos sustentado anteriormente, que o *valor de mercado* não pode ser entendido como idêntico ao valor apropriado, pois os preços de mercado flutuam em seu entorno. Isso destruiria, de imediato, nossa tentativa de interpretação. No entanto, observemos o que segue.

O autor refere-se a conjunturas excepcionais, e só a elas. Essas conjunturas, obviamente, só podem significar muito mais do que simples circunstâncias de divergência oferta/demanda. Estas últimas permitiriam flutuações dos preços de mercado em torno do valor de mercado, mas não a determinação dele. As circunstâncias excepcionais, então, só corresponderiam a situações em que a divergência do preço de mercado em relação ao preço correspondente ao valor (ou melhor, ao preço de produção) é significativa e, sobretudo, por período prolongado. Haveria uma

¹² . “O que dissemos do valor de mercado estende-se ao preço de produção quando o substitui” (Marx, 1981, capítulo X, pp. 202-203). Devemos reconhecer que há aqui uma inconsistência, pois o adequado para nossa interpretação seria que ele afirmasse: “O que dissemos do valor ~~de mercado~~ estende-se ao preço de produção quando o substitui”. De todas maneiras, independente da nossa perspectiva, a frase de Marx apresenta, indiscutivelmente, problemas, pois ele deveria referir-se ao par valor de mercado / preço de produção de mercado ou, como preferimos, valor /preço de produção.

divergência com certa estabilidade. Seria o caso de graves desastres naturais, guerra etc. Dessa maneira, o valor de mercado seria um valor apropriado diferente do produzido, mas aquele que em média é apropriado, eliminando-se as flutuações do mercado do dia-a-dia, abstraindo-se, por tanto as variações absolutamente circunstanciais e pouco significativas das magnitudes da demanda e da oferta. Ele teria uma permanência maior que o simples valor apropriado, diferente do produzido, determinado pelas freqüentes variações dos preços de mercado como resultado da relação oferta/demanda. O valor de mercado seria o valor apropriado, eliminando-se as flutuações circunstanciais, mas que permitiriam uma divergência com o valor (preço de produção) em razão de conjunturas excepcionais ou da existência de monopólios com certa estabilidade.

Assim, nosso conceito de *valor de mercado normal* ou *valor social normal* recebe uma nova determinação: ele não é exatamente o valor apropriado efetivamente no mercado, mas o valor que normalmente se espera seja apropriado no mercado, si deste se eliminam as pequenas flutuações do dia-a-dia. Assim, é possível conciliar nossa idéia inicial com as exatas palavras de Marx, no controverso capítulo que nos interessa.

c. terceira consideração:

Há uma outra passagem do capítulo que deve ser analisada. Trata-se de um momento em que Marx parte de uma circunstância na qual o preço de mercado corresponde à média dos preços de produção individuais do ramo e que, por tanto, as empresas com preços de custos mais elevados (as menos eficientes), obviamente, não podem apropriar-se de toda a mais-valia contida nas mercadorias que produzem. E ele prossegue a análise:

“Se a procura, entretanto, é tão forte que não se contrai, quando o preço se regula pelo ~~valor~~ preço de produção individual das mercadorias produzidas nas piores condições, determinam estas o valor de mercado. Isto só é possível quando a procura está acima ou a oferta está abaixo do nível ordinário. Finalmente, se a massa das mercadorias produzidas é maior que a que se pode escoar aos ~~valores~~ preço de produção médios de mercado, regulam o valor de mercado as mercadorias produzidas nas melhores condições. É possível, por exemplo, que essas mercadorias se vendam pelo ~~valor~~ preço de produção individual ou quase, podendo então acontecer que as mercadorias produzidas nas piores condições nem realizem o preço de custo, enquanto as que estavam em situação média

realizam apenas parte da mais-valia nelas contida". ¹³ (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - pp. 202-203)

Ao que parece, o autor está, aí, referindo-se às “conjunturas excepcionais” mencionadas anteriormente, nas que a divergência oferta e demanda é muito significativa e por período prolongado. Isso pode ser interpretado assim, em razão da sua afirmação de que “*a procura está acima ou a oferta está abaixo do nível ordinário*”; caso contrário, o normal seria referir-se a flutuações da oferta ou da demanda. Além disso, as duas passagens seguintes seriam incoerentes com a anterior:

“Para que o preço de mercado de mercadorias idênticas, mas produzidas em condições individuais diversas, corresponda ao valor de mercado, dele não se desvie nem para cima nem para baixo, é necessário que a pressão exercida pelos diferentes vendedores seja bastante para lançar no mercado a quantidade de mercadorias exigida pelas necessidades sociais, ou seja, a quantidade que a sociedade é capaz de pagar ao valor de mercado. Se a massa de produtos ultrapassar essas necessidades, teriam as mercadorias de se vender abaixo do valor de mercado; e, ao contrário, acima desse valor, se a massa de produtos não for suficiente, vale dizer se a pressão da concorrência entre os vendedores não for bastante para compeli-los a levarem ao mercado essa massa de mercadorias. Se variar o valor ...” (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - pp. 204-205)

*“Por conseqüência, se a oferta e a procura regulam o preço de mercado, ou antes os desvios que os preços de mercado têm do valor de mercado, por outro lado, o valor de mercado rege a relação entre a oferta e a procura ou constitui o centro em torno do qual as flutuações da oferta e da procura fazem girar os preços de mercado”*¹⁴. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 205)

¹³ Aqui, da mesma maneira que antes, substituímos valor por preço de produção.

¹⁴ Convém destacar o que parece ser um erro na edição da Difel, no texto imediatamente anterior a esse. Diz a tradução da Difel:

“Se variar o valor de mercado, variarão também as condições em que pode ser vendida a massa global de mercadorias. Caindo o preço de mercado, aumenta em média a necessidade social (que aqui significa sempre procura solvente),

Destaque-se aqui, em apoio à nossa tese, um aspecto que pode ser significativo: Marx, quando fala das variações de preço devido à oferta/demanda, não se refere a que a produção de determinada mercadoria seja maior ou menor que a demanda por ela, mas refere-se à pressão exercida pelos produtores sobre o mercado para lançar mais ou menos produtos ou à pressão da concorrência entre os vendedores. Nesse caso, estaria se referindo a desajustes oferta/demanda ou flutuações, de maneira que o que se altera são os preços de mercado em relação ao valor de mercado, ao contrário das conjunturas excepcionais em que a divergência oferta/demanda seria mais significativa e resultado de produção maior ou menor que a procura normal.

d. quarta consideração

Até agora vimos que a relação oferta/demanda, fruto de conjunturas excepcionais, pode fazer variar o *valor de mercado*, de maneira que ele seja maior ou menor que a média dos preços de produção individuais, aproximando-se mais ou menos dos níveis extremos determinados pelas condições das empresas mais e menos eficientes do ramo.

Inexistindo conjunturas excepcionais e, portanto, sem que existam divergências maiores ou permanentes entre oferta e demanda, o *valor de mercado* de uma mercadoria qualquer, e supondo-se também a inexistência de monopólios, fica determinado precisamente pela média aritmética dos preços de produção individuais dos exemplares produzidos da mesma. Quando, na rama correspondente, a média e a moda desses preços de produção coincidam, o *valor de mercado* será igual, então, ao preço de produção individual das mercadorias produzidas pelas empresas com eficiência média. No entanto, se a média e a moda não coincidem e prevalecem as empresas mais eficientes, o *valor de mercado* ficará mais próximo do menor preço de produção individual existente e, assim, será inferior ao das empresas de eficiência média. Ao

que poderá, dentro de certos limites, absorver quantidades maiores de mercadoria. Subindo o valor de mercado, contrai-se a necessidade social da mercadoria, absorvendo-se menores quantidades dela. Por consequência,”...

(Marx, 1981, capítulo X, p. 205)

A expressão “preço de mercado” sublinhada na citação, aparece como “valor de mercado” e como “valor comercial”, respectivamente nas traduções para o espanhol da Siglo XXI e da FCE.

contrário, prevalecendo as empresas menos eficientes, o *valor de mercado* se situará mais próximo do mais elevado preço individual de produção, embora nunca se identifique com ele, por existirem empresas mais eficientes. Isso, pelo menos, é o que poderíamos esperar do que concluímos até aqui.

No entanto, o texto de Marx em determinada passagem, pareceria sugerir que nos enganamos no que se refere à idéia que ele possuía a respeito do assunto:

“Ao contrário, admitamos que, sem variar a totalidade das mercadorias trazidas ao mercado, o valor das mercadorias produzidas nas condições mais desfavoráveis não se compense com o valor das produzidas nas melhores condições, de modo que a porção produzida nas condições mais desfavoráveis constitua magnitude de maior peso tanto em relação à massa intermediária quanto ao outro extremo; nessas condições, a massa produzida nas condições mais desfavoráveis rege o valor de mercado ou o valor social.

Suponhamos finalmente que a massa de mercadorias produzidas nas condições mais favoráveis ultrapasse a das produzidas nas mais desfavoráveis e por isso constitua magnitude de maior peso que a das produzidas nas condições intermédias; então, a massa das produzidas nas condições mais favoráveis rege o valor de mercado”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 20)

Imediatamente a continuação dessa última passagem, e no mesmo parágrafo, nosso autor ressalta que não está tratando da determinação dos preços de mercado, alterados pelas permanentes flutuações do mercado (da oferta e da demanda), mas do valor social

“Estamos abstraindo da hipótese de abarrotar-se o mercado, quando a massa produzida nas condições mais favoráveis regula o preço de mercado; mas agora não estamos tratando do preço de mercado naquilo que difere do valor de mercado, e sim das próprias determinações diversas desse valor”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 207)

Assim, pelo visto, parece que nossa interpretação não seria compatível com as palavras de Marx. No entanto, nos três parágrafos imediatamente seguintes ele vai esclarecer que o valor de mercado não vai igualar-se nem ao individual mais elevado no

primeiro caso, nem ao menor, no segundo caso, salvo quando a conjuntura for excepcional. Sobre o último afirma:

“Excetuo o caso em que a oferta predomina muito sobre a procura, o valor de mercado não coincide com o valor individual das mercadorias produzidas nas melhores condições”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 209)

Nesse caso, nas passagens anteriores, a utilização do verbo reger, sublinhado por nós, não parece ter sido no sentido de “igualar-se”, mas teria um conteúdo menos intenso. Dessa maneira, nossa interpretação parece adequar-se ao sentido do texto de Marx.

e. quinta consideração

Continuando nossa análise e dentro dessa nossa trajetória de raciocínio, podemos observar que há uma passagem que pode deixar maiores dúvidas e que aparece pouco depois da última citação e é a seguinte:

“Além de satisfazer uma necessidade, a massa de mercadorias (produzida, RC) a satisfaz em sua dimensão social. Se a quantidade é maior ou menor que a procura, o preço de mercado se desvia do valor de mercado. Primeiro desvio a considerar: se a quantidade é de menos, regula o valor de mercado a mercadoria produzida nas piores condições, se é de mais, a produzida nas melhores; um dos extremos regula o valor de mercado, embora se devesse esperar outro resultado segundo a mera relação entre os volumes produzidos nas diferentes condições, À medida que aumenta a diferença entre a procura e quantidade produzida, tende o preço de mercado a desviar-se mais do valor de mercado, para cima ou para baixo”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - pp. 209-210)

Qualquer que possa ser a interpretação dessa passagem, parece haver uma contradição em termos, no interior dela. Por um lado, ou é o preço que se desvia do *valor de mercado*, como se afirma no início da citação, na parte sublinhada por nós (“*Se a quantidade é maior ou menor que a procura, o preço de mercado se desvia do valor de mercado*”) ou, por outro lado, o desvio é do valor de mercado em relação ao preço de produção médio do ramo ou em relação ao preço de produção individual das mercadorias produzidas em condições médias. Não acreditamos que possa haver dúvidas sobre a existência dessa contradição em termos, nas palavras de Marx. E,

destaque-se, não se trata de um erro de tradução; o erro, parece estar no próprio original¹⁵.

¹⁵ Claus Germer, com seu profundo conhecimento de Marx e seu domínio do alemão, nos ajudou nisso. A versão original é a seguinte:

(p. 195 do original):

“Die Warenmasse befriedigt nicht nur ein Bedürfnis, sondern sie befriedigt es in seinem gesellschaftlichen Umfang. Ist dagegen das Quantum kleiner oder größer als die Nachfrage dafür, so finden Abweichungen des Marktpreises vom Marktwert statt. Und die erste Abweichung ist, daß, wenn das Quantum zu klein, stets die unter den schlechtesten Bedingungen produzierte Ware den Marktwert reguliert, und wenn zu groß, stets die unter den besten Bedingungen produzierte; daß also eins der Extreme den Marktwert bestimmt, trotzdem daß nach dem bloßen Verhältnis der Massen, die unter den verschiedenen Bedingungen produziert sind, ein andres Resultat stattfinden müßte. Ist die Differenz zwischen Nachfrage und Produktenquantum bedeutender, so wird der Marktpreis ebenfalls noch bedeutender vom Marktwert nach oben oder nach unten abweichen”.

Segundo Germer, a tradução da Nova Cultural tem algumas vantagens, embora, do ponto de vista do que nos interessa, não altera muito a questão. Essa tradução é a seguinte:

Marx, 1986, capítulo X:

“A massa de mercadorias não apenas satisfaz a uma necessidade, mas a satisfaz em sua extensão social. Se, entretanto, o quantum é menor ou maior do que a procura por ele, ocorrem desvios do preço de mercado em relação ao valor de mercado. E o primeiro desvio é este: se o quantum é pequeno demais, é sempre a mercadoria produzida sob condições piores que regula o valor de mercado, e, se é grande demais, é sempre a produzida sob condições melhores que o faz; portanto um dos extremos determina o valor de mercado, embora, pela mera proporção entre as massas que são produzidas sob as diferentes condições, outro resultado devesse ter lugar. Se a diferença entre a procura e o quantum de produtos

Analiseemos com calma a mencionada passagem. Em primeiro lugar, o autor está se referindo àquela massa de mercadorias produzida normalmente. Ela é maior ou menor que a demanda, não de maneira circunstancial. Ele é explícito nesse aspecto ao afirmar, pouco antes, mas no mesmo parágrafo, o seguinte:

“Admitamos que essa massa seja a quantidade normal da oferta, abstraindo da possibilidade de parte das mercadorias produzidas retirar-se temporariamente do mercado”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - p. 209)¹⁶

Assim, não se trata de uma oferta que, por alguma circunstância, seja eventualmente maior ou menor que a normal. Em outras palavras, não está se referindo a uma circunstancial flutuação da oferta. Por essa razão, deveria referir-se, no início, não aos desvios do preço em relação ao *valor de mercado*, mas do *valor de mercado* ou mesmo do preço em relação ao *valor*.

Ao final da passagem citada, aí sim, é possível aceitar a afirmação:

“À medida que aumenta a diferença entre a procura e quantidade produzida, tende o preço de mercado a desviar-se mais do valor de mercado, para cima ou para baixo”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - pp. 209-210)

Isso é perfeitamente aceitável para nossa interpretação, na medida em que aumentando excessivamente a diferença entre oferta e a procura, o preço pode

for ainda maior, o preço de mercado desviar-se-à ainda mais do valor de mercado, para cima ou para baixo”. pp. 143

¹⁶ O início do parágrafo é o seguinte:

“Na análise acima sobre o valor de mercado supusemos que permanece a mesma, é dada, a massa, das mercadorias produzidas, que só variava a relação entre os componentes dessa massa, produzidos em diferentes condições, e que por isso se regulava de maneira diferente o valor de mercado dessa massa de mercadorias. Admitamos que essa massa seja a quantidade normal da oferta, abstraindo da possibilidade de parte das mercadorias produzidas retirar-se temporariamente do mercado. Se continua normal a procura dessa quantidade, será a mercadoria vendida pelo valor de mercado, qualquer que seja dose três casos investigados o que regula o valor de mercado. Além de ...” (Marx, 1981, capítulo X, p. 209)

ultrapassar, para cima ou para baixo dependendo do caso, o correspondente ao *valor social normal* e situar-se no nível ou flutuar em torno ao correspondente ao que chamamos *valor social de monopólio*. Como se recordará, por simplicidade, chamamos o *valor social normal* de *valor social*.

Assim, nossa interpretação ficaria total e plenamente satisfeita e, além disso, o texto de Marx se isentaria completamente de inconsistência com uma pequena alteração, que seria a de substituir, na passagem sublinhada por nós, o termo *valor de mercado* simplesmente por *valor*. Isso poderia nos sugerir a existência de um equívoco na redação do original e não algo mais substancial.

Vejam, então, com a redação alterada segundo o anterior, o significado da citação, do ponto de vista de nossa interpretação.

De fato, se a oferta, ao nível do valor, supera de maneira regular e persistente a demanda, deve existir, no setor, um número suficiente de empresas, em geral de menor porte e menor poder econômico que, utilizando tecnologia menos eficiente (e por isso com preço de custo maior que a média) que se dispõem a permanecer produzindo no setor, mesmo não obtendo a taxa média de lucro e até trabalhando com uma receita pouco superior ao seu preço de custo. Se o número das empresas menos eficientes, existente no setor, não for suficiente, os preços de mercado serão atrativos de maneira a incentivar o ingresso de novos capitais pouco exigentes. Assim, os preços de mercado da mercadoria correspondente deverão flutuar em torno do menor preço de produção do setor (que, por isso é o *valor social*), garantindo, assim, a taxa média de lucro exclusivamente para as empresas mais eficiente. Esse caso se explica por inexistir, no setor, nível significativo de dificuldade de ingresso de novas empresas com pouco poder de mercado.

Por outra parte, devemos, agora considerar, o caso oposto, isto é, quando, de maneira regular, a oferta não atende suficientemente a demanda global de uma determinada mercadoria. Esse é o caso de um setor que apresenta dificuldades para o ingresso de novas empresas, especialmente daquelas menos eficientes. Nessas condições mesmo as de maior preço de custo estarão em condições de exigir a taxa média de lucro, fazendo com que os preços de mercado fltuem em torno do maior preço individual de produção. Caso se situe por cima deste último, as dificuldades de entrada de novas empresas pouco eficientes se reduz e a oferta tende a aumentar. Em

um setor com estas características, o *valor social normal* tenderá a igualar-se com o maior nível do preço individual de produção do ramo.

f. sexta consideração

Finalmente, analisemos uma última passagem problemática do capítulo sob nossa consideração. Ela é a seguinte:

“Oferta e procura supõem a transformação do valor em valor de mercado, e na medida em que ocorrem em base capitalista, sendo as mercadorias produtos do capital, supõem processos de produção capitalistas, portanto relações bem mais complexas que a compra e venda simples de mercadorias. Não se trata aí da conversão formal do valor das mercadorias em preço, isto é, de simples mudança de forma; trata-se de determinados desvios quantitativos que os preços de mercado têm dos valores de mercado e ainda dos preços de produção”. (Marx, 1981 – Livro 3, V. 4, capítulo X - pp.219-220)

Esta última citação, pode ser entendida da seguinte maneira. Em primeira lugar, quando no seu início o autor se refere à oferta e demanda, não estaria se referindo a simples flutuações da oferta ou da demanda, mas de situações mais estruturais e, portanto, o que ficaria determinado pela relação entre elas não seria o preço de mercado mas o valor de mercado. Isso, na verdade, reforça, em muito a interpretação que procuramos expor neste trabalho.

No entanto, no final dessa passagem, haveria uma dificuldade. Os desvios quantitativos não seriam dos *preços de mercado* em relação aos *valores de mercado* e aos *preços de produção*, mas em relação aos valores e aos preços de produção. Haveria aqui uma inconsistência entre as palavras de Marx e nossa interpretação.

5. A modo de conclusão

Nossa interpretação, apresentada nas linhas anteriores, pressupõe um particular entendimento do conceito de valor social ou valor de mercado, que se diferencia, em muito, do que aparece no livro I, no capítulo X (Conceito de mais-valia relativa) como valor social.

Ali, a magnitude do valor social é apresentada como a magnitude média dos valores individuais produzidos, de maneira que o valor social deve ser calculado como a média aritmética ponderada dos valores individuais determinados pelas condições das

diversas empresas do setor¹⁷. No livro I d'O Capital, seu autor não poderia discutir questões relacionadas com a apropriação do valor, pois considera como idênticos produção e apropriação, preocupado que está, nesse livro, exclusivamente com a *produção* da mais valia. A preocupação com a distribuição tem lugar ali exclusivamente no que se refere à relação burguesia/proletariado, na medida em que essa distribuição determina a mais-valia produzida. Assim, no primeiro livro da obra mencionada cabe, no máximo, a discussão sobre as formas salariais.

Por isso, no livro I d'O Capital, não há lugar para a discussão sobre o papel da oferta/demanda na determinação dos preços, pois ele está relacionado com o âmbito da apropriação de mais-valia por parte das diferentes frações da burguesia e com a diferencial apropriação de valor por parte dos diferentes setores econômicos e das diferentes empresas dentro desses setores. Esse é tema do livro III da mencionada obra.

Especificamente no capítulo X do livro III, reaparece o conceito de valor social, valor de mercado ou valor mercantil. Ali, como o próprio autor afirma em seu capítulo inicial, as categorias “*aproximam-se gradualmente da forma como aparecem ... na consciência dos agentes econômicos*”. Mas agora o conceito de valor social passará a referir-se a *valor apropriado* e não *produzido*, e a discussão sobre o papel da oferta e da demanda necessariamente deve ser travada.

Dessa maneira, na nossa interpretação e em um nível mais concreto de análise, o *valor social* deve ser entendido como o valor apropriado (dadas as condições concretas da particular rama econômica e abstraindo-se as flutuações conjunturais da oferta e da demanda) dentro dos limites estabelecidos pelos valores individuais extremos da rama respectiva. Se o valor apropriado, nessas condições, ultrapassar esses limites, ele se configura não como valor social, de mercado ou mercantil, mas como *valor social de monopólio, de mercado monopólico ou mercantil monopólico*.

Entendido o valor social dessa maneira, é perfeitamente compreensível o capítulo X do livro III d'O Capital de Marx e, em particular o papel da oferta e da demanda. Muito pouco restaria, assim, de incoerente no texto de Marx referente àquele capítulo; na verdade, quase nada.

Aceita a nossa interpretação, a oferta e a demanda em nada afetariam (pelo menos diretamente) a magnitude do *valor* de uma mercadoria qualquer ou, em outras palavras, a magnitude da riqueza produzida representada por ela e medida pelo seu

¹⁷ Foi assim que tratamos em Carcanholo (2000b).

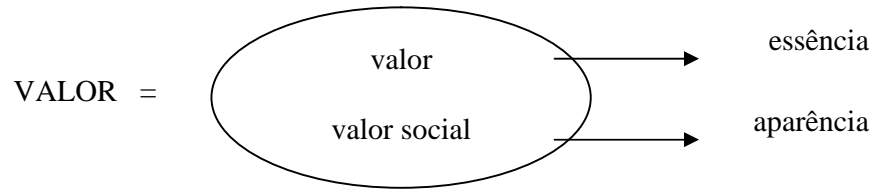
valor. Divergências significativas entre a magnitude da oferta e da demanda no nível do valor fazem com que o *valor social* divirja da *magnitude do valor*, representando na verdade divergência entre valor apropriado e produzido. Finalmente, as flutuações circunstanciais da oferta/demanda são responsáveis pelas flutuações dos preços de mercado em relação àqueles correspondentes ao valor social.

Além da interpretação sobre o conteúdo do capítulo X do livro III d'O Capital, há em nossa análise um resultado que nos parece de importância. Trata-se do significado do conceito de valor *na sua dimensão aparential*. Não estamos nos referindo ao valor-de-troca ou aos valores-de-troca de uma mercadoria (ou seja, às proporções de troca entre elas e as demais existentes na economia), forma de manifestação fenomênica do valor. Para a análise que apresentamos acima, o preço de mercado – circunstancial e sujeito a freqüentes flutuações – não representa a verdadeira aparência do valor, embora seja sua manifestação.

Para os agentes econômicos o valor de uma mercadoria se apresenta (aparece como) o poder de “compra” ou de troca *normal* que ela possui sobre o dinheiro. Abstraem-se as flutuações circunstanciais. É por isso que tais agentes são capazes de considerar alto ou baixo o efetivo preço de mercado.

Assim, as mercadorias apresentam-se como caras ou baratas. Mas, em relação a quê? Qual é o ponto de referência? A resposta é justamente o *valor na sua dimensão aparential*. Não o valor produzido e representado pela mercadoria, mas o valor normalmente apropriado quando se decide sua venda. Por isso, o valor, *na sua dimensão aparential*, é o *valor social, de mercado ou mercantil*, discutido acima. Na sua dimensão essencial é simplesmente o *valor*, o valor determinado pela produção.

O anterior significa que a expressão “valor” é, na verdade, usada em dois diferentes sentidos: para expressar a unidade essência e aparência do valor e para referir-se especificamente à dimensão essencial. Dessa maneira poderíamos graficamente mostrar:



O VALOR é a unidade dialética que compreende a essência e a aparência, sendo o “valor”, determinado na produção, sua dimensão essencial e o “valor social” da mercadoria sua dimensão aparential e determinada pela produção e também pela circulação (pelas condições concretas da rama específica).

Referências bibliográficas

- Böhm-Bawerk, E. von. La conclusión del sistema de Marx. In: Hilferding, Böhm-Bawerk e Bortkiewicz. *Economia Burguesa y Economia Socialista. Cuadernos de Pasado y Presente* 49. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974. pp. 79-113.
- Carcanholo, R. A. A dialética da mercadoria: guia de leitura. *Cadernos da ANGE - Textos Didáticos* nº 4. Vitória: ANGE, 1993. (Ver o anexo nº 2 da edição ampliada e revisada em 2002, em: <http://sites.uol.com.br/carcanholo>).
- Carcanholo, R. A. As várias dimensões da dissimulação da origem da mais-valia (versão preliminar). VI Encontro Nacional de Economia Política. São Paulo: 13 a 15 de junho de 2001.
- Carcanholo, R. A. La teoría del valor y los precios de mercado (la transformación de los valores en precios de producción). IN: *Dialéctica de la Mercancía y Teoría del Valor*. San José: EDUCA, 1982 (traduzido para o português por Vladimir D. Micheletti, download em: <http://sites.uol.com.br/carcanholo>).
- Carcanholo, R. A. O paradoxo da desigualdade dos iguais: incompreensões ricardianas sobre os preços de produção. In: *Revista Perspectiva Econômica*, Ano I, Vol. I, nº 0. Vitória: janeiro de 2000a. pp.229-256.
- Carcanholo, R. A. Sobre o conceito de mais-valia extra em Marx (versão preliminar). V Encontro Nacional de Economia Política. Fortaleza: 21 a 23 de junho de 2000b.

Marx, K. O Capital. L.1, V. 1. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

Marx, K. O Capital. L. 3, V. 4. Rio de Janeiro: Difel, 1981.

Marx, K. O Capital. L. 3, V. IV. Coleção Os Economistas. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1986.